

Cadeia produtiva do slow fashion: a importância da certificação

Caroline Machado Mundo (Universidade Estadual de Maringá) carolinemundo@hotmail.com

Beatriz Correa do Carmo (Universidade Estadual de Maringá) byacoorrea@gmail.com

Gustavo Antonie Risso (Universidade Estadual de Maringá) gustavoarisso@hotmail.com

Cristiane Nunes Santos (Universidade Estadual de Maringá) nunes cristiane@hotmail.com

Resumo:

O slow fashion é um novo nicho de mercado que tem se destacado atualmente. A principal razão para isto está na conscientização dos consumidores sobre os impactos ambientais e sociais causados pelo consumo exacerbado de produtos de baixa qualidade e efêmeros. Este trabalho tem como objetivo compreender através das pesquisas bibliográficas o funcionamento dos agentes da cadeia produtiva que compõem o movimento slow na moda e de como essas disparidades de processos são identificadas e podem ser reconhecidas pelo consumidor no ato da compra.

Palavras chaves: cadeia produtiva, slow fashion, sustentabilidade, certificação

Slow fashion productive chain: the importance of certification

Abstract:

Slow fashion is a new market niche has been highlighted currently. The main reason for this is in awareness of consumers about the results of environment and social impacts causes exacerbated consumption of ephemeral and low quality fashion products. This study aims to understand the differences from productive chain factor that compose the slow fashion movement and how this differences of processes are identifies by consumers in purchase time.

Key-Words: Productive chain, slow fashion, sustainability, certification

1. Introdução

Na virada do milênio, discussões que tratavam sobre os recursos do planeta, meio ambiente, socio-economia e sustentabilidade tornaram-se frequentes, considerando encontros oficiais entre autoridades e líderes governamentais. Esse aumento na visibilidade do assunto tem gerado inúmeras consequências, como mudança dos hábitos no cotidiano, perfis de consumo e também na esfera industrial. (BARBIERI ET. AL, 2010)

Com foco no consumo de moda, essa preocupação socio-ambiental tem refletido em novos perfis de consumidor. Dentre estes perfis, encontra-se o de consumidor consciente e que busca por formas de consumo mais éticas e sustentáveis. Através desse novo perfil é que o movimento *slow fashion* tem recebido maior atenção. O termo tem origem da filosofia Slow, que nasceu no setor alimentício para se opor ao *Fast Food*, na década de 1980. (PEREIRA, 2014). Refosco, Oenning e Neves (2011) afirmam que o *slow fashion* “É antagônico aos produtos impessoais e homogêneos oferecidos pela *fast fashion*”, prezando em seus produtos melhor qualidade, conhecimento da origem da matéria prima, entre outros pilares sócio-ambientais.

Com o aumento da popularidade do movimento, aumentaram também a quantidade de empresas que veem neste novo nicho, uma oportunidade de mercado. De acordo com uma pesquisa realizada pelos Institutos Akatu e Ethos, cerca de 5% da população brasileira tem aderido a hábitos de consumo mais sustentáveis, numericamente, trata-se de aproximadamente 10 milhões de pessoas (PAIVA, s/d).

Entretanto, é comum não só dentro da indústria da moda e do *slow fashion*, mas em qualquer segmento que requirite procedimentos, processos, e materiais específicos, a existência de práticas de falsa adequação, visando apenas conquistar o consumidor, sem a real preocupação. Para inibir essa prática de competitividade desleal, é que surgiram as certificações, garantindo ao consumidor, que o produto adquirido passou de fato por tais processos requisitados. A exemplo disso pode-se citar os certificados de produtos orgânicos, disponível para diversos setores, sendo um deles o de fibras de algodão.

Para determinar se um produto pode ou não ser certificado, cada processo requisitado pela instituição responsável, que compõe a cadeia produtiva deve ser acompanhado. No caso do SlowFashion, cujos princípios adotados vão desde a produção da matéria prima até a forma como chega ao consumidor, todas as etapas as quais este produto passa deve ser fiscalizada.

Diante deste contexto, o objetivo deste artigo é compreender até onde as certificações já existentes contribuem para o SlowFashion. Visto a possibilidade de crescimento que este mercado possui. A importância deste trabalho se justifica em garantir que o consumidor adquira de fato um produto de acordo com especificado.

2. Metodologia

Para o desenvolvimento deste artigo, utilizou-se a pesquisa de cunho qualitativo, que tem como objetivo especificar a relação entre cadeia produtiva, certificações e *slow fashion*, de caráter exploratório. Ainda assim, para sustentar a teoria foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, na qual consiste em reunir dados e informações que serão utilizados como base para a elaboração da proposta. Segundo GIL (2008, p.51):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

A viabilidade na utilização deste método é que ele permite investigar um conjunto de ocorrências muito maior do que uma pesquisa direta, e GIL (2008, p.51), afirma que “Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”.

Além disso, após realizada toda a pesquisa bibliográfica, utilizou-se da pesquisa de campo para compreender como atividades que associam-se ao *slow fashion* acontecem na prática. As visitas foram realizadas a sede da empresa O Casulo Feliz e no Instituto Vale da Seda, das quais permitiram verificar a realidade das indústrias de cunho sustentável.

3. Cadeia produtiva

Para compreender a necessidade da certificação para o produto de moda, primeiramente precisa-se compreender o funcionamento de uma cadeia produtiva. Ao colocar um produto como objeto de estudo, seja ele de moda ou de outro setor, observa-se que para chegar até o consumidor é necessário a atuação de diversos agentes. Tal relação entre estes, pode ser denominada Cadeia Produtiva (CASTRO, 2002).

Neste ponto, para Castro (2002), “o conceito de cadeia produtiva foi desenvolvido como instrumento de visão sistêmica. Parte da premissa que a produção de bens pode ser representada como um sistema, onde os diversos atores estão interconectados”. Logo, entende-se, que cada componente da cadeia possui uma relação de dependência com outro – visão sistêmica. Sendo assim, juntos, estes componentes são os responsáveis pelo desempenho, eficiente e eficaz de uma dada cadeia. Dito de outra forma, buscam através da união de todas as partes atingir um objetivo, que é o produto.

É relevante destacar, que o termo cadeia produtiva teve origem do termo *Agribusiness*. Naquele contexto, Davis e Goldberg, na década de 1950, analisaram que a agricultura movimentava além do produtor rural e o campo. No entendimento dos autores os diversos agentes atuantes estavam inter-relacionados. Posteriormente, Goldberg (1968) associou ao *Agribusiness* a visão sistêmica de que todos os processos resultam em mercadorias. Além disso, o termo passou a considerar outros fatores como atividades de sistemas produtivos, de instituições governamentais, associações comerciais e do mercado, denominando o conceito como uma *commodity system approach* (CSA) (FARINA; ZYLBERSZTAJN, 1994 apud WATANABE; ZYLBERSZTAJN, 2009).

4. Cadeia produtiva certificada

As certificações e os selos tiveram sua origem na França, dentro do setor de produtos alimentícios, através do “selo vermelho” em meados dos anos de 1920, garantido assim a qualidade e procedência dos queijos e vinhos (SEBRAE, 2005).

O objetivo de certificar uma cadeia produtiva é garantir ao consumidor um produto mais seguro e de melhor qualidade, visto que a exigência do mercado tem sido por mais transparência e procedência em seus processos. Um dos fatores que impulsionou esse consumidor a ser mais seletivo, foram as diversas crises que ocorreram dentro do próprio setor alimentício, como as doenças que atingem o rebanho bovino, por exemplo (PALLET; BRABET; FILHO, 2002). Além disso, ao relacionar isso com os demais mercados, a mudança na perspectiva que estes consumidores possuíam sobre a temática sócio-ambiental e sustentabilidade tem interferido, como afirma:

O enfoque ambiental representa a nova visão de mundo equilibrado e de valores éticos que está a cada dia modificando os sistemas econômicos, ao ser a estes incorporados, e, conseqüentemente, forçando a uma reestruturação nos sistemas produtivos por práticas saudáveis e limpas. Este processo decorre das mudanças e alterações nas preferências dos consumidores. (PEREIRA; MARINHO; PEREIRA, s/d)

Dentro da cadeia produtiva de moda, algumas das certificações possíveis de encontrar são: quanto a produção de algodão orgânico e ao trabalho justo.

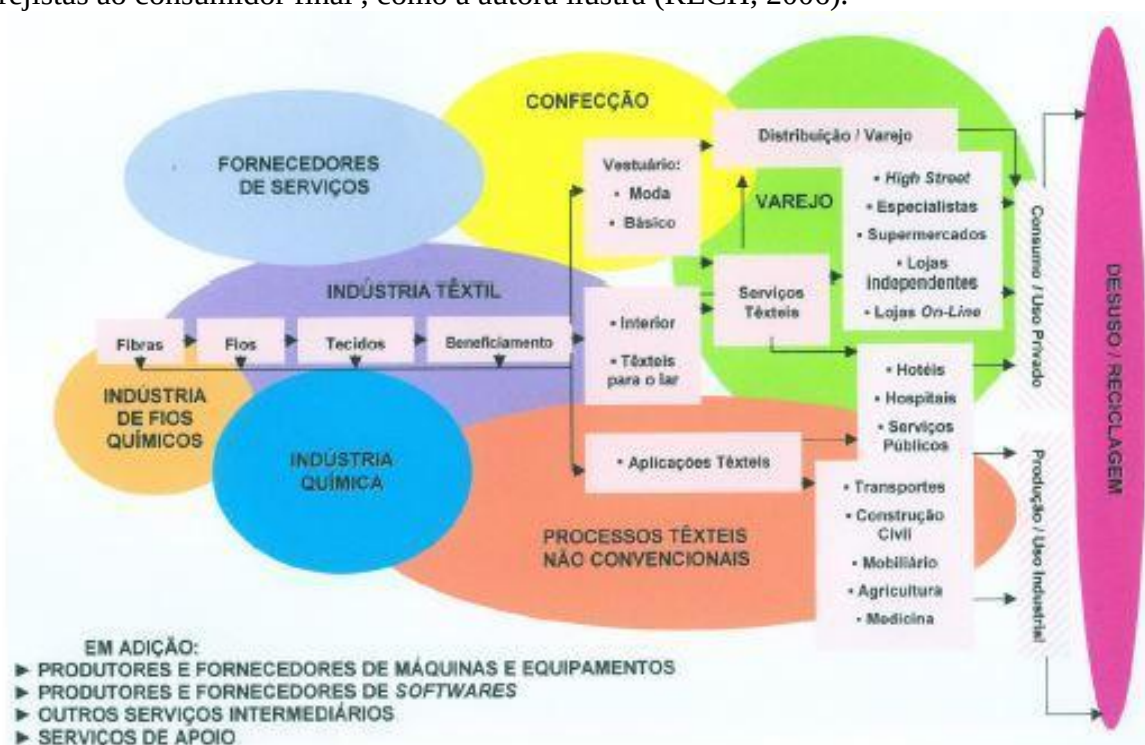
A produção de fibras naturais tem sua cadeia iniciando na agricultura. De acordo com Pereira, Marinho e Pereira (s/d), “A produção orgânica de alimentos de origem vegetal e animal no Brasil foi regulamentada em 17 de maio de 1999, através da Instrução Normativa Nº 07, do Ministério da Agricultura e do Abastecimento”. Deixando claro que este é um assunto que passou a ser discutido a pouco tempo no Brasil. Os autores também explicam que para um tecido ser considerado de algodão orgânico e apto a receber a certificação ele precisa de muito mais do que simplesmente não utilizar agrotóxicos. Mas sim que todos os processos desde o campo, indústria até chegar ao consumidor tem de atender critérios de padronização nacional e internacional. (PEREIRA, MARINHO E PEREIRA, s/d)

Outra certificação que é frequentemente cobrada dentro da indústria da moda é a referente ao trabalho justo. Internacionalmente, ela entra como uma das classificações do *Fair*

Trade, organização que tem como proposta o comércio justo, envolvendo além do vínculo empregatício da confecção, todas as esferas de produção. (PEREIRA, 2014). Essa cobrança que os consumidores têm demonstrado, é uma resposta a quantidade de casos que são noticiados referente a marcas e empresas que utilizam do trabalho escravo.

5. Cadeia produtiva de moda

Dentro do ambiente da moda, a cadeia produtiva genérica, possui processos dos quais todos os produtos passam. Segundo Rech (2006), o ponto inicial acontece com produção das fibras, a qual pode ter origem vegetal, animal, mineral ou química, seguido pelo processo de fiação; Na tecelagem, é o momento em que os tecidos e malhas tomam forma e posteriormente são submetidos ao beneficiamento, indispensável para qualidade do tecido. A próxima etapa consiste na confecção de modelos previamente criados pelo setor de desenvolvimento de produto, os quais são vendidos por lojas atacadistas e revendidos por varejistas ao consumidor final, como a autora ilustra (RECH, 2006).



Fonte: Rech (2008)

Figura 1 - Cadeia Produtiva de moda

O motivo de considerar essa cadeia citada acima como genérica, é devido a existência de inúmeros processos dentro de uma única “etapa”, como explana Haguenauer *et al.* (2001) *apud* Rech (2008)

O microcomplexo têxtil/vestuário é constituído por uma cadeia de atividades em sequência linear, desde o beneficiamento e fiação de fibras naturais e/ou químicas, passando pela tecelagem, até a confecção final. [...] Apesar desse elo linear entre as etapas da cadeia, cada uma delas pode ser realizada em pequenas ou grandes quantidades, de maneira especializada ou com diferentes graus de integração vertical (HAGUENAUER ET AL., 2001, APUD RECH, 2008).

Nas últimas décadas, vem acontecendo a desverticalização da cadeia produtiva, visto a terceirização de diversos processos (RECH, 2008). Tal processo, dificulta cada vez mais o gerenciamento dessa cadeia, considerando o aumento na quantidade de fornecedores que

envolvem, consequentemente aumentando as possibilidades que eles possuem de infringir requisitos e muitas vezes até leis. Assim surge a necessidade de mais controle, sendo a certificação uma possibilidade que contribui para esse controle, pois viabiliza a coordenação.

Em diversos setores já existem certificações e selos que garantem tanto a quem contrata os fornecedores, quanto para o consumidor final que aquele determinado produto seguiu um padrão de qualidade, a exemplo o algodão orgânico (PEREIRA, et. al., s/d). Entretanto os demais processos que envolvem a cadeia produtiva de moda, não possui certificação nacional e acessível. Essa dificuldade de identificação, tem se mostrado principalmente em nichos de mercado que possuem critérios mais específicos, como o *SlowFashion*.

6. Slow Fashion

O movimento *SlowFashion* é um antagonista diante do popular *Fast Fashion*. Redes essas, que produzem uma moda rápida, de baixo custo e qualidade, acentuando a efemeridade já habitualmente agregada ao produto de moda. Para contrapor-se a esse sistema que prioriza apenas questões financeiras é que surge o movimento Slow, transcendendo a área da gastronomia atingindo também áreas criativas como o design e a moda. (FLETCHER; GROSE, 2011).

O que define uma produção de moda slow, é a adoção dos três pilares da sustentabilidade, o social, ambiental e econômico. Tendo como princípios, reduzir a agressão ao meio ambiente, a utilização de trabalho justo, incentivo econômico para a comunidade local e consumo consciente, por exemplo. Além disso, a empresa tem um relacionamento próximo de todos os componentes da cadeia produtiva, que envolve seus fornecedores, garantindo assim a procedência do produto (PEREIRA, 2014).

Ainda para Fletcher e Grose (2011), o movimento *slow fashion* traz mais significados além da mera exclusão das partes “desagradáveis” da indústria da moda, mas também a adoção de uma nova perspectiva tanto sobre o produto quanto a todas as etapas da qual ele passa. Onde a empresa desenvolve um relacionamento de confiança, e os produtos criem um elo e apego com seus consumidores. Além disso outra abordagem consiste em uma consciência referente aos impactos sócio-ambientais que as diferentes formas de consumo resultam, isso, por parte de todos os agentes que permeiam entre ambos. (FLETCHER; GROSE, 2011).

De acordo com Zampiron (s/d), em publicação para o Sebrae Mercados, o mercado de moda sustentável, o qual engloba o *slow fashion* tem grande potencial de crescimento. Assim a autora cita algumas formas como as peças de roupa são trabalhadas dentro deste segmento. Como a prioridade por peças atemporais, minimalistas, feitas à mão, geralmente em pouca quantidade, utilizando tecidos de melhor qualidade e naturais. Dito de outra forma, “o *slow fashion* permeia a qualidade e a durabilidade das peças oferecendo ao consumidor produtos atemporais e de acabamentos impecáveis, despertando-o para uma ótica de exclusividade” (MORAIS, 2011 apud PEREIRA; NOGUEIRA, 2013).

7. Certificações que podem ser associadas aos processos *slow fashion*

No mundo as certificações são geridas por organizações ou fundações, na maioria das vezes sem vínculo com a empresa pública. Cada uma dessas responsáveis corresponde a um segmento de mercado e indústria. Assim dentro da indústria da moda, por exemplo, além das certificações já citadas antes, existe a *Fair Wear Foundation*, “fundação internacional que

trabalha com marcas e influenciadores da indústria da moda para melhorar as condições de trabalho onde peças de vestuário são fabricadas” (CORREA ET AL., 2018).

Outra organização internacional conhecida pelo trabalho com a indústria têxtil é a OEKO-TEX®, que possui mais de 5 selos diferentes, cada um voltando para uma vertente e tipo de produto. Um destes selos é o Step que garantem aspectos relacionados a ecologia humana. Já o STANDARD 100 by OEKO-TEX verifica os produtos têxteis em questões de acabamento em todas as etapas. Alguns materiais que podem ser certificados pelo Standard 100 são zíperes, botões, fechos entre outros (OEKO-TEX, 2018).

8. Análise e discussão

Para melhor compreensão sobre o *slow fashion*, foi realizada uma visita técnica às instalações da marca O Casulo Feliz, instalada em Maringá-PR, no dia 10 de agosto de 2018, empresa que busca implantar conceitos de sustentabilidade em seus processos. Assim pode-se assimilar as divergências entre os processos de uma cadeia produtiva com pilares sustentáveis e de uma que não possui. De acordo com o empresário Gustavo Serpa, a marca O casulo Feliz iniciou na década de 1980 com o objetivo de reaproveitar resíduos resultantes da produção do fio de seda – período de ascensão do Paraná na indústria da seda – materiais estes que eram descartados, produzindo então tecidos de seda para a área de decoração.

Um dos fatores que o levou a ideia de reciclar este material foi uma visita técnica em uma empresa de fiação, onde Serpa, docente do curso de Zootecnia na Universidade Estadual de Maringá, apresentava os processos da sericicultura aos discentes. Quando questionado por um aluno o porquê aquele material era descartado, sendo aquilo seda pura, o professor não soube responder. Foi após este acontecimento, que o professor decidiu tomar uma atitude para mudar o cenário e criar uma empresa para aproveitar esse resíduo.

Para Serpa, ele trouxe a sustentabilidade em prática e como foco produtivo, em um período em que não se falava do assunto, quando o foco era apenas o consumo. Visando ampliar estes conceitos da empresa, ao desenvolver o projeto escolheu como sede, um local geograficamente carente de atenção econômica, que pudesse fornecer mão de obra, beneficiando assim, a comunidade local com a geração de empregos.

Embora atualmente a empresa trabalha também com o fio de seda considerado nobre pelo mercado, os tecidos com reaproveitamento de resíduos e com fios de baixa qualidade, são os que se destacam no mercado. Entre os materiais utilizados estão: a cápsula do casulo, parte final extremamente fina (resíduo da fiação de tecidos de seda nobre), anafia (fios que a lagarta produz para fixar o casulo) e ourela de tecidos. E é exatamente por utilizar este material menos valorizado, que permite o contato do empresário com o criador do bicho da seda. Visto que alguns destes materiais são recolhidos diretamente com esses criadores, a procedência de sua matéria-prima é garantida, fator de extrema relevância dentro dos conceitos do Slow fashion.

De acordo com João Berdu, presidente do Instituto Vale da Seda¹, o qual também fez parte do roteiro da visita técnica, a produção de seda acarreta conceitos ambientalmente sustentáveis por si só. O grande responsável por isso é o alimento da lagarta. Sua alimentação consiste em folhas de amoreira, tendo como consequência o plantio de centenas de árvores. Outro fator que torna a seda um produto sustentável é a qualidade e durabilidade do tecido.

¹ O Instituto Vale da Seda é uma parceria realizada entre empresários, produtores rurais, entidades, como a Emater, por exemplo, universidades e polos de pesquisa da região da bacia hidrográfica do Rio Pirapó, localizada no noroeste do estado do Paraná. O vale da seda é uma região de destaque da sericicultura no estado, que é responsável por mais de 80% da produção nacional.

Segundo Berdu, uma peça de roupa feita em seda não é para ser efêmera como pede o mercado de moda, mas um produto para durar décadas.

Dentro do mix de produtos da marca, encontra-se os mais variados tipos de tecidos, desde utilizados para decoração até tecidos tecnológicos. Um dos destaques são os tecidos feitos em tear manual, com a mesma técnica já aplicada há séculos.



Fonte: Autoria própria.

Figura 2 - Tecido em tear manual.

Além disso, O Casulo Feliz opta por utilizar tingimento natural, realizando o químico apenas mediante pedido de cliente. Dentre os elementos utilizados para pigmentar encontra-se o urucum, açafrão, cascas de cebola e até o próprio excremento da lagarta. Outra técnica aplicada dentro da empresa como design de superfície é a *ecoprint* – utiliza-se de folhas e flores para criar uma composição que mediante alguns processos, transfere seus respectivos pigmentos para o tecido. Esta técnica realizada por Serpa, que fornece cursos com o objetivo de disseminá-la, atrai pessoas de todo o Brasil. Ao empregar essas técnicas, evita-se a contaminação do ambiente por produtos químicos utilizados comumente na indústria.

Embora todo seu processo seja feito da forma mais sustentável possível, o empresário afirma que não existe uma certificação específica para o produto de moda. E que a forma de garantia que oferece é sempre abrir as portas da sua empresa para a visita. O instituto Vale da Seda tem trabalhado em alternativas para quando se trata da matéria prima seda, desenvolvendo etiquetas codificadas que podem ser verificadas pelo consumidor, fornecendo-lhe garantias quanto à origem, qualidade e os compromissos.

Seguindo a macrotendência que prevê maior preocupação da população e das empresas (PITTA, 2018), com questões socioambientais, marcas brasileiras de destaque tem adotado tal perfil. Uma das marcas que utilizam matéria prima fornecida pelo O Casulo Feliz é a Osklen, que traz sustentabilidade como eixo principal de sua coleção de verão 2019.

9. Considerações

Mediante as pesquisas realizadas, estabeleceu-se que primeiramente precisa compreender o que é cadeia produtiva, seus componentes e informações teóricas, para somente depois analisar o *slow fashion*. Isso porque os princípios atrelados ao movimento, interferem em diferentes agentes do processo produtivo.

Diante da pesquisa bibliográfica realizada, notou-se a importância da cadeia produtiva e a necessidade de melhorar o seu gerenciamento quando voltada a moda e sustentabilidade, visto a frequência com que se encontra no mercado produtos com procedência duvidosa. Ao observar na prática essa importância mostrou-se mais clara ainda, visto que empresas como O Casulo Feliz, só conseguem fornecer a garantia de seus produtos devido a centralização e controle que possui de seus processos.

Outra observação a ser pontuada é a falta de preocupação nacional, pois praticamente todos os selos citados, exceto o de produto orgânico, pertencem a fundações internacionais, dificultando quanto às adequações e processos. Considerando o fato de que o *slow fashion* preza pelo desenvolvimento da economia e do produtor local, muitas vezes essa internacionalização, a distancia e torna-se um obstáculo. Por fim, devido a falta de certificações atreladas ao *slow fashion* no âmbito nacional as empresas se veem obrigadas a recorrerem a outros métodos para afirmar a seus consumidores quanto qualidade e honestidade de seus produtos, métodos esses mais informais, sem legislações ou regras.

Referências

- BARBIERI, José Carlos et al.** *Inovação e sustentabilidade:: novos modelos e proposições*. Rae, São Paulo, v. 50, n. 2, p.146-154, abr. 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/20819/S0034-75902010000200002.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- CASTRO, Antônio Maria Gomes de; LIMA, Suzana Maria Valle; CRISTO, Carlos Manuel Pedroso Neves.** *Cadeia Produtiva: Marco Conceitual para Apoiar a Prospecção Tecnológica*. XXII Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, Salvador, p. 1-14, nov. 2002. Disponível em: <<http://fcf.unse.edu.ar/archivos/posgrado/2002.cadeiaprodutiva.marcoconceitual.prospeccaotecnologica.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- CORREA, Beatriz do Carmo ET AL.** *A importância da certificação de produtos e processos do vestuário pertencentes à cadeia de produção slow fashion*. CIMODE, [S.l.], p. 1-4, 2018.
- FARINA, Elizabeth Maria Mercier Querido; AZEVEDO, Paulo Furquim de; SAES, Maria Sylvia Macchione.** *Competitividade: mercado, estado e organizações*. [s.i.]: Research Gate, 1997. 70 p. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/235987099>>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- FLETCHER, K.; GROSE, L.** *Moda & Sustentabilidade: design para mudança*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- GIL, Antonio Carlos.** *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- OEKO-TEX.** *Business*. [S/d]. Disponível em: <https://www.oeko-tex.com/en/business/certifications_and_services/ots_100/ots_100_start.xhtml>. Acesso em: 10 mai. 2018.
- PALLET, Dominique; BRABET, Catherine; FILHO, Odair Machado da Silva.** *Panorama das qualificações e certificações de produtos agropecuários no brasil*. CIRAD PROSPER, São Paulo, p. 1-34, out. 2002. Disponível em: <<http://www.agrisustentavel.com/doc/citado/ver/pallet.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2017.
- PEREIRA, D. R.** *Slow Fashion: produção consciente na moda*. 2014. Disponível em: <<http://www.audaces.com/slow-fashion-producao-consciente-na-moda/>> Acesso em: 13 de jan. 2018.

PEREIRA, Dilara Rubia; NOGUEIRA, Márcia Ferreira. *Moda sob uma perspectiva do slowfashion.* In: COLÓQUIO DE MODA, 9., 2013, Fortaleza. **Anais...** . Fortaleza: Capes, 2013. p. 1 - 14. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-1-DESIGN_COMUNICACAO-ORAL/Moda-sob-medida-uma-perspectiva-do-slow-fashion.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2017.

PITTA, Denise. *Macrotendências 2018/19 – 10 tendências para indústria da moda global + 10 trends em comportamento.* 2018. Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/trends/macrotendencias-2018-19-as-10-tendencias-da-moda-10-trends-em-comportamento/>>. Acesso em: 9 set. 2018.

PEREIRA, Ramiro; MARINHO, Mary Roberta; PEREIRA, Jógerson. *Certificação e algodão orgânico no Brasil.* [s/d]. Disponível em: < <http://www.cnpa.embrapa.br/produtos/algodao/publicacoes/cba3/algo167.pdf>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

RECH, Sandra. *Estrutura da cadeia produtiva da moda.* Moda Palavra, Florianópolis, v. 1, n. 1, p.7- 20, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7565/5068>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

REFOSCO, Ereany; OENNING, Josiany; NEVES, Manuela. *Da Alta Costura ao Prêt-à-porter, da Fast Fashion a Slow Fashion: um grande desafio para a Moda.* Modapalavra, Florianópolis, v. 4, n. 8, p.1-15, jul. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7808/5376>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

RISSO, Gustavo Antonie et al. *Slow Fashion: Um debate teórico sobre a necessidade de coordenação.* II EIGEDIN, Naviraí, v. 1, n. 1, p. 1-15, set. 2017. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/EIGEDIN/article/view/4449>>. Acesso em: 17 mai. 2018.

SEBRAE. *Slow Fashion: A moda sustentável.* [S/d]. Disponível em: < <http://www.sebraemercados.com.br/slow-fashion-a-moda-sustentavel/>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

SEBRAE. *Valorização de produtos com diferencial de qualidade e identidade: Indicações geográficas e certificações para competitividade nos negócios.* Brasília: Sebrae, 2005. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/bis/valorizacao-de-produtos-com-diferencial-de-qualidade-e-identidade,8dc8ab791134d510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

ZYLBERSZTAJN, Decio. *Papel dos Contratos na Coordenação Agro-Industrial: um olhar além dos mercados.* Revista de Economia e Sociologia Rural, Rio de Janeiro, v. 43, n. 03, p. 385-420, set. 2005.

ZYLBERSZTAJN, Decio. *Competitividade e coordenação de sistemas agroindustriais: um ensaio conceitual.* Gestão & Produção, [S.l.], v. 6, n. 03, p. 147-161, dez. 1999. Disponível em: <http://www.cinve.org.uy/mondelli/files/courses/Farina_1999g&p_Comp&Coord%20em%20SAGs_um%20ensao%20conceitual.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

WATANABE, Kassia; ZYLBERSZTAJN, Decio. *Agro-system (sag) as a tool for analysis, taking into account sustainability.* VII International PENSA Conference, São Paulo, p. 1-15, nov. 2009.

ZAMPIRON, Caroline. *SLOW FASHION: A MODA SUSTENTÁVEL.* [S/d] Disponível em: < <http://www.sebraemercados.com.br/slow-fashion-a-moda-sustentavel/>>. Acesso em: 12 abr. 2018.